

O atual esquema veloz e eficaz de movimento se encontra a todo tempo com a dinâmica afetiva, utópica e não-linear da vida. Essa condição contemporânea, principalmente em seu caráter formal, gera um campo de questionamento em direção ao pensamento, entendido do ponto de vista crítico, em suas configurações específicas, sua linguagem, seus formatos e aparências concretas; por fim, sua escrita.

Qual seria a escrita do pensamento ou de que forma o pensamento se inscreve na contemporaneidade?

O desafio da linguagem passa agora, necessariamente, pela radicalização das materialidades da expressão, seja letra, número, tinta, pedra, luz ou som, como detonadores de dispositivos híbridos a favor da vida; biopolíticos. As escritas são os corpos inscritos. É a merda de Sade. A fome de Artaud. É a biblioteca vaginal das prisioneiras políticas argentinas. São as peles douradas do Arpoador.

Que espaços são esses erógenos?

Os territórios se disputam conforme os corpos se movem. O espaço não existe antes, mas resulta das relações desses corpos em trânsito; o espaço não existe só, mas acontece na tensão entre corpos que se posicionam: se aliam, se atravessam, se esfregam, se dispersam, se fragmentam, se compõem, se nascem, se expandem, se atrofiam, se complementam, se desencontram, se morrem: seguem a cadeia de produção. A disputa entre os corpos é a produção dos espaços.

O que quer o corpo?

Sirvam-se, leitores.

Daniel Castanheira

